

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

OUTUBRO DE 1860

Nº 10

Aviso

Os escritórios da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Resposta do Sr. Allan Kardec

À GAZETTE DE LYON

Sob o título de *Uma sessão espírita*, a *Gazette de Lyon*, em seu número de 2 de agosto de 1860, publicou o artigo seguinte, ao qual o Sr. Allan Kardec, durante sua visita a Lyon, deu a resposta que vai adiante, muito embora aquele jornal ainda não se tenha dignado a reproduzi-lo.

– São chamados de espíritas certos alucinados que, não obstante haverem rompido com todas as crenças religiosas de seu tempo e de seu país, pretendem entrar em relação com os Espíritos.

Concebido das mesas girantes, o Espiritismo não passa de uma das mil formas desse estado patológico em que pode cair o

cérebro humano, quando se deixa levar por essas mil e uma aberrações de que a Antigüidade, a Idade Média e os tempos atuais não deixaram de dar muitos exemplos.

Condenadas prudentemente pela Igreja Católica, todas essas pesquisas misteriosas, que escapam ao domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado senão produzir a loucura nos que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os espíritas têm um jornal em Paris e basta ler algumas passagens para nos certificarmos de que em nada exageramos. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos evocados só é comparável à estupidez de suas respostas e, com razão, é permitido dizer-lhes que não vale a pena voltar do outro mundo para falar tantas tolices.

Enfim, essa nova loucura, copiada dos Antigos, acaba de abater-se sobre nossa cidade. Lyon possui espíritas e é em casa de simples tecelões que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O *antro* de Trophonius está situado (sic) numa oficina; o sumo-sacerdote do lugar é um tecelão de seda e sua esposa é a sibila; os adeptos são, em geral, operários, pois ali não são recebidos facilmente os que, pelo seu exterior, possam denunciar muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos *simples*. Provavelmente foi isso que nos valeu para sermos admitidos naquele lugar.

Convidado a assistir a uma das reuniões hebdomadárias dos espíritas lioneses, entramos numa oficina onde se achavam quatro teares, um dos quais parado. Ali, entre as quatro forcas dessas máquinas, a sibila sentou-se à frente de uma mesa quadrada, sobre a qual havia um caderno e, ao lado, uma pena de *ganso*. Notai

bem que dissemos uma pena de *ganso*, e não uma pena metálica, pois os Espíritos têm horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas de ambos os sexos, inclusive este vosso servo, formavam um círculo em torno da mesa.

Depois de um pequeno *speech*³³ do sumo-sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os *Espíritos*, devido à sua... *simplicidade*, começaram as perguntas.

Aproxima-se um rapaz e pergunta à sibila por que, oito dias antes dos combates, fosse na Criméia ou na Itália, ele sempre se via chamado a outro lugar?

A inspirada – é o nome que lhe dão – tomando a pena de ganso, a movimentava sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos e depois pronuncia esta fórmula: “*Meu Deus, fazei-me a graça de nos esclarecer neste assunto.*” A seguir acrescenta: “Leio a seguinte resposta: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer vossos irmãos.”

Evidentemente, é um adepto influente que querem conquistar para a causa. Além disso, foi soldado, talvez um ex-zuavo; não vamos criar caso; prossigamos.

Um outro jovem se aproxima por sua vez e pergunta se o Espírito de seu pai o acompanhou e protegeu nos combates.

Resposta: Sim.

Abordamos o jovem à parte e lhe perguntamos desde quando seu pai estava morto.

– Meu pai não está morto, respondeu ele.

33 N. do T.: *Discurso, fala introdutória.*

A seguir apresenta-se um velho e pergunta – notai bem a sutileza da pergunta, imitada de Tarquínio, o Antigo – se o que ele pensa foi o motivo pelo qual seu pai lhe deu o nome de João.

Resposta: Sim.

Um velho soldado do primeiro império pergunta em seguida se os Espíritos dos soldados do velho império não acompanharam nossos jovens soldados à Criméia e à Itália.

Resposta: Sim.

A seguir, uma pergunta supersticiosa é feita por uma senhora: Por que sexta-feira é um dia de mau agouro?

A resposta não se fez esperar e, por certo, merece que se tome cuidado, por causa de várias obscuridades históricas que ela deixa de lado. – É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus-Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, a julgar por seu sotaque, deseja ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. Certa noite, diz ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; desperta a mim e a meu pai, procuramos por toda parte e nada encontramos. De repente, porém, um de nossos *teares* se põe a bater; ao nos aproximarmos, ele pára. Um outro também se põe a bater, na extremidade da oficina. Estávamos apavorados e tudo ficou pior quando vimos todos trabalhando ao mesmo tempo, sem que percebêssemos ninguém.

– É o vosso avô, respondeu a sibila, que vem pedir preces.

Ao que o rapaz respondeu com um ar que lhe devia garantir fácil acesso ao santuário: É isso mesmo. Pobre velho! Tinham-lhe prometido missas, que não foram celebradas.

Outro operário pergunta por que, diversas vezes, o fiel de sua balança se movia sozinho.

– É um Espírito batedor, responde a inspirada, que produziu o fenômeno.

– Muito bem, responde o operário; fiz cessar o prodígio, pondo um pedaço de chumbo no prato mais leve.

– É muito simples, continuou a advinha, os Espíritos têm horror ao chumbo, devido à *miragem*.

Todos querem saber o significado da palavra miragem.

Aí se detém o poder da sibila: Deus não quer explicar isto, diz ela, *nem mesmo a mim!*

Era uma razão considerável, ante a qual todos se inclinaram.

Então o sumo-sacerdote, prevendo objeções interiores, tomou a palavra e disse: – Sobre esta questão, senhores, devemos abster-nos, porque seríamos arrastados a outras perguntas científicas que não podemos resolver.

Nesse momento as perguntas se multiplicavam e se cruzavam:

Se os sinais que nos aparecem no céu desde algum tempo (os cometas) são os de que fala o Apocalipse?

– Resposta: Sim; e em cento e quarenta anos o mundo não mais existirá.

– Por que Jesus-Cristo disse que sempre haveria pobres?

– Resposta: Jesus-Cristo quis falar dos pobres de Espírito; para estes, Deus acaba de preparar um globo especial.

Não realçaremos toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende quão felizes serão os nossos descendentes quando não mais tiverem de temer o contato com os pobres de Espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila felizmente deixa supor que seu reinado terminou. Boa notícia para os economistas, a quem o problema do pauperismo impede de dormir.

Para terminar, aproxima-se uma mulher entre quarenta e cinquenta anos, e pergunta se seu Espírito já foi encarnado e quantas vezes?

Como eu, ficaríeis muito embaraçado para responder. Mas os Espíritos têm resposta para tudo:

– Sim, responde a pena de ganso, foi três vezes: a primeira, como filha natural de uma *respeitável* princesa russa (esse *respeitável*, próximo da palavra precedente, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia; e a terceira, ela o sabe...

Esperamos baste essa amostra de uma sessão de espíritas lioneses para demonstrar que os *Espíritos* de Lyon valem bem os de Paris.

Mas, perguntamos, não seria o caso de impedir que pobres loucos se tornassem ainda mais loucos?

Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela castigasse em demasia, é verdade, mas detinha o mal. Hoje, considerando-se que a autoridade religiosa é impotente, que o bom-senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria a outra autoridade intervir neste caso, pondo fim a práticas cujo menor inconveniente é tornar ridículos os que delas se ocupam?

C. M.

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC

Ao Senhor redator da *Gazette de Lyon*

Senhor,

Enviaram-me um artigo, assinado por C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon* de 2 de agosto de 1860, sob o título de: *Uma sessão espírita*. Nesse artigo, se não sou atacado senão indiretamente, eu o sou na pessoa de todos os que partilham de minhas convicções. Isto, porém, nada representaria, se vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as conseqüências das práticas espíritas, cobrindo de ridículo e censurando os que as professam, e que apontais à vindita legal. Peço-vos permissão para fazer algumas retificações a respeito, esperando de vossa imparcialidade que publiqueis minha resposta, já que julgastes por bem publicar o ataque.

Não penseis, senhor, que eu tenha o objetivo de vos convencer, nem de retribuir injúria por injúria. Sejam quais forem as razões que vos impeçam de partilhar de nossa maneira de ver, não cogito em procurá-las, e as respeito, se forem sinceras. Só reclamo a reciprocidade praticada entre gente que sabe conviver. Quanto aos epítetos incivis, não é de meu costume utilizá-los.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo; se a eles tivésseis oposto quaisquer argumentos, bons ou maus, eu teria podido vos responder. Mas como toda a vossa argumentação se restringe a nos qualificar de *imbecis*, não me cabe discutir convosco se tendes ou não razão. Limito-me, pois, a destacar aquilo que as vossas asserções têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer às pessoas que não pensam como nós que elas são imbecis: isto está ao alcance de qualquer um. É necessário demonstrar-lhes que estão erradas. Mas, como fazê-lo? Como entrar no cerne da questão, se não se conhece a sua primeira

palavra? Ora, creio seja o caso em que vos encontrais, pois do contrário teríeis empregado melhores armas que a acusação banal de estupidez. Quando vos tiverdes dado ao estudo do Espiritismo o tempo moral necessário – e vos previno que é preciso bastante; quando tiverdes lido tudo quanto puder fundamentar a vossa opinião, aprofundado em todas as questões, assistido, como observador *consciencioso e imparcial*, a alguns milhares de experiências, vossa crítica terá algum valor. Até lá, não passa de uma opinião pessoal, que em nada se apóia e a respeito da qual podeis, palavra por palavra, ser pilhado em flagrante delito de ignorância. O começo de vosso artigo é uma prova.

Dizeis: “*São chamados de espíritas certos alucinados que romperam com todas as crenças religiosas de sua época e de seu país.*” Sabeis, senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave quanto é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo baseia-se inteiramente sobre o dogma da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras. Não apenas sanciona essas verdades pela teoria; é de sua essência prová-las de maneira patente. Eis por que tanta gente, que em nada acreditava, foi reconduzida às idéias religiosas. Toda a sua moral se resume no desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, pagar o mal com o bem, ser indulgente para com o próximo, perdoar aos inimigos; numa palavra, agir para com os outros como gostaríamos que eles agissem para conosco. Então achais estas idéias tão estúpidas? Terão rompido com toda crença religiosa os que se apóiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter tais idéias. Tê-las, vá; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É muito evangélico para vós, católico, insultar pessoas simples, que nunca vos fizeram mal, que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós para vos receber entre elas? Admitamos que estejam erradas; será cobrindo-as de injúria e as irritando que as reconduzireis?

Vosso artigo contém um erro de fato que, mais uma vez, prova a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dizeis: *Os adeptos, em geral, são operários*. Sabei então, senhor, para vosso governo, que, dos cinco ou seis milhões de espíritas que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; entre seus aderentes, conta grande número de médicos em todos os países, advogados, magistrados, homens de letras, altos funcionários, oficiais de todas as patentes, artistas, sábios, negociantes, etc., pessoas que levemente colocais entre os ineptos. Mas deixemos isso de lado. As palavras *insulto e injúria* vos parecem muito fortes? Vejamos.

Pesastes bem o alcance de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos geralmente são operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: *pois ali não são recebidos facilmente os que, pelo seu exterior, possam denunciar muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos simples. Provavelmente foi isso que nos valeu para sermos admitidos naquele lugar*. E mais adiante, esta outra frase: *Depois de um pequeno “speech” do sumo-sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido à sua simplicidade, começaram as perguntas*. Não me recordo das facécias relativas à pena de ganso, da qual, em vossa opinião, o médium se servia, nem de outras coisas, também assaz espirituosas; falo mais seriamente. Só farei uma simples observação: vossos olhos e ouvidos vos serviram muito mal, porquanto o médium de quem falais não se serve de pena de ganso, e tanto a forma quanto o fundo da maioria das perguntas e das respostas que referis em vosso artigo são pura invenção. São, pois, pequenas calúnias, através das quais quisteses fazer brilhar a vossa inteligência.

Assim, segundo pensais, para ser admitido nessas reuniões de operários é preciso ser operário, isto é, desprovido do bom-senso, e ali só fostes introduzido porque certamente vos tomaram por um tolo. É provável que vos teriam fechado a porta,

se vos tivessem julgado com bastante espírito para inventar coisas que não existem.

Já pensastes, senhor, que não atacais apenas os espíritas, mas toda a classe operária e, em particular, a de Lyon? Esqueceis que são esses mesmos operários, esses *tecelões*, como dizeis com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade, através de sua indústria? Teriam sido criaturas sem valor moral os operários que produziram Jacquard? De onde saíram em bom número os vossos fabricantes, que adquiriram sua fortuna com o suor do rosto e graças à ordem e à economia? Não é insultar o trabalho comparar seus teares a *forcas* ignóbeis? Ridicularizai-lhes a linguagem e vos esqueceis de que o seu ofício não lhes permite fazer discursos acadêmicos. Será necessária uma franqueza excessiva para dizer o que se pensa? Vossas palavras, senhor, não são apenas levianas – emprego esta palavra por consideração – elas são imprudentes. Se algum dia Deus vos reservou dias nefastos, orai a Ele para que os tecelões de Lyon não se lembrem disto. Os que são espíritas se esquecerão, porque a caridade o ordena. Assim, fazei votos para que todos o sejam, uma vez que é no Espiritismo que eles haurem os princípios de ordem social, de respeito à propriedade e de sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem os operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desprezo? Em vez de se desequilibrarem num cabaré, ou de se alimentarem em doutrinas subversivas e quiméricas, nessa oficina que por irrisão comparais ao antro de Trophonius, em meio as esses teares de quatro forcas, *eles pensam em Deus*. Eu os vi durante minha estada aí; conversei com eles e me convenci do seguinte: Entre eles muitos maldiziam seu trabalho penoso; hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com ciúme e inveja a sorte dos ricos; hoje sabem que a riqueza é uma prova ainda mais perigosa que a da miséria, e que o infeliz que sofre e não cede à tentação é o verdadeiro eleito de Deus; sabem que a verdadeira felicidade não

está no supérfluo e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo também padecem cruéis angústias, que o ouro não acalma. Muitos se riam da prece; hoje oram e reencontraram o caminho da igreja, que tinham esquecido, porque outrora não acreditavam em nada e agora crêem; vários teriam sucumbido no desespero; hoje, que conhecem a sorte dos que voluntariamente abreviam a vida, resignam-se à vontade de Deus, pois sabem que têm uma alma, do que antes não estavam certos. Enfim, por saberem que estão apenas de passagem na Terra, e que a justiça de Deus não falha para ninguém.

Eis aí, Senhor, o que sabem e o que fazem esses *ineptos*, como os chamais. Talvez se exprimam numa linguagem ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Noutro lugar dizeis: *Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela castigasse em demasia, é verdade, mas detinha o mal. Hoje, considerando-se que a autoridade religiosa é impotente, não deveria a outra autoridade intervir neste caso?* Com efeito, ela queimava. É realmente lamentável que não haja mais fogueiras. Oh! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes. Se só se tratasse de mim, eu nada teria dito; mas, a propósito de uma crença de que me orgulho de professar, porque é uma crença eminentemente cristã, ridicularizais pessoas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que o próprio Jesus era operário; vós as excitais por palavras irritantes; reclamais contra elas os rigores da autoridade civil e religiosa, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias com que foram embaladas e que vos metem medo. Tive de lhes tomar a defesa, lembrando os deveres que a caridade impõe e dizendo-lhes que, se outros não cumprem suas obrigações, isso não é razão para se afastarem do

caminho reto. Aí estão, senhor, os conselhos que lhe dou; são também os que lhe dão os Espíritos que cometem a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes e não a vós. É que, provavelmente, sabem que serão mais escutados. A propósito, poderíeis dizer-me por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, e não entre os homens de letras? Sem dúvida porque na época não havia jornalistas para lhe dizerem o que ele devia fazer.

Direis, sem dúvida, que vossa crítica só atinge a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e não os princípios sagrados da religião. Estou certo disto. Mas, então, por que dissestes que os espíritas romperam com todos os princípios religiosos? É que não sabíeis em que eles se apóiam. No entanto, vistes um médium orar com recolhimento, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente não sabeis, também, o que são os Espíritos. Os Espíritos nada mais são que a alma dos que viveram; almas e Espíritos são, pois, uma única e mesma coisa, de modo que negar a existência dos Espíritos é negar a alma. Admitir a alma, sua sobrevivência, sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão, portanto, se resume em saber se, após a morte, a alma pode manifestar-se aos vivos. Os livros sagrados e os pais da Igreja o reconheciam. Se os Espíritos estão errados, essas autoridades também se enganaram. Para o provar, é preciso demonstrar, não por uma simples negativa, mas por razões peremptórias:

1º Que o ser que pensa em nós durante a vida não pode mais pensar após a morte;

2º Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3º Que, se pensa nos que amou, não deve mais querer comunicar-se com eles;

4º Que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco.

Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, sua natureza e, se assim me posso exprimir, sua constituição fisiológica, tal como eles no-la descrevem e tal qual a observação nos confirma, saberíeis que Espírito e alma, sendo uma única e mesma coisa, só há de menos no Espírito o corpo, de que se despoja ao morrer, restando-lhe, porém, um invólucro etéreo, que para ele constitui um corpo fluídico, com o auxílio do qual pode, em certas circunstâncias, tornar-se visível. É o que ocorre nos casos de aparições, que a própria Igreja admite perfeitamente, tendo em vista que de alguns faz artigos de fé. Dada esta base, às proposições precedentes acrescentarei as seguintes, pedindo-vos provar:

6º Que, por seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7º Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;

9º Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto é impossível, por meio de raciocínios tão patentes quanto aqueles pelos quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então vossa opinião poderá ser levada em consideração.

Objetareis, sem dúvida, que em suas comunicações os Espíritos dizem, algumas vezes, coisas absurdas. Isto é verdade; e

fazem mais: por vezes dizem grosserias e impertinências. É que, deixando o corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições. É, pois, provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, as disseram ainda mais ridículas quando estavam entre nós. Daí por que não aceitamos mais cegamente tudo que vem da parte deles do que o que vem da parte dos homens. Como, porém, não tenho a intenção de dar um curso, vou parar aqui. A mim bastou provar que tínheis falado do Espiritismo sem o conhecer.

Aceitai, senhor, minhas respeitosas saudações.

Allan Kardec

Banquete

OFERECIDO PELOS ESPÍRITAS LIONESES AO SR. ALLAN KARDEC
19 DE SETEMBRO DE 1860

Nesta reunião íntima e familiar, um dos membros, Sr. Guillaume, houve por bem expor os sentimentos dos espíritas lioneses na alocação que segue. Lendo-a, compreenderão que devemos ter hesitado em publicá-la na *Revista*, malgrado o desejo que nos foi expresso. Assim, não foi senão cedendo a instâncias que concordamos, temendo, por outro lado, que a recusa pudesse ser interpretada como falta de reconhecimento aos testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos leitores, que façam abstração da pessoa, vendo, nessas palavras, apenas uma homenagem prestada à doutrina.

“Ao Sr. Allan Kardec; ao zeloso propagador da Doutrina Espírita!

“É graças à sua coragem, às suas luzes e à sua dedicada perseverança que devemos a felicidade de estar hoje reunidos neste banquete simpático e fraterno.

“Que todos os espíritas lioneses jamais esqueçam que, se têm a felicidade de sentir-se melhorados, apesar de todas as influências perniciosas que muitas vezes desviam o homem da senda do bem, devem-no ao *O Livro dos Espíritos*.

“Se sua existência se suavizou, se seu coração está mais depurado e mais afetuoso; se dele expulsaram a cólera e a vingança, devem-no ao *O Livro dos Espíritos*.

“Se, na vida privada, suportam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todos os meios baseados na astúcia e na mentira para adquirir os bens terrenos, devem-no ao *O Livro dos Espíritos*, que os fez compreender a prova e acendeu-lhes a luz que dissipa as trevas.

“Se um dia, que talvez não esteja longe, os homens se tornarem humanos, fraternos e dedicados a uma mesma fé; se, para eles, a caridade não mais for uma palavra vã, isso ainda deverão ao *O Livro dos Espíritos*, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec, escolhido para espalhar a luz.

“À união sincera dos espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja irradiação a todos esclareceu, verdadeira sentinela avançada, incumbida de desbravar a estrada difícil do progresso! Paris é o cérebro do Espiritismo, como Lyon merece, por sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, ser o seu coração.

“Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para alcançar o mesmo objetivo, logo só haverá na França irmãos amorosos e dedicados. Cresçamos, pois, pela união no amor, e em breve os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, senhoras e senhores, é o único meio para chegarmos prontamente ao Reino de Deus.

“Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra ao Sr. Allan Kardec, o fundador e o primeiro elo da grande corrente espírita!”

Guillaume

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras, senhores, e todos vós, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

A acolhida tão amiga e benévola que recebo entre vós, desde a minha chegada, seria bastante para me encher de orgulho, se eu não compreendesse que tais testemunhos se dirigem menos à pessoa do que à doutrina, da qual não passo de um dos mais humildes operários; é a consagração de um princípio e me sinto duplamente feliz, porque esse princípio deve um dia assegurar a felicidade do homem e o repouso da sociedade, quando for bem compreendido e, melhor ainda, bem praticado. Seus adversários só o combatem porque não o compreendem. Cabe a nós, aos verdadeiros espíritas, aos que vêm no Espiritismo algo além de experiências mais ou menos curiosas, fazê-lo compreendido e espalhado, tanto pregado pelo exemplo quanto pela palavra. *O Livro dos Espíritos* teve como resultado fazer ver o seu alcance filosófico. Se esse livro tem algum mérito, seria presunção minha orgulhar-me disso, porquanto a doutrina que encerra não é criação minha. Toda honra do bem que ele fez pertence aos sábios Espíritos que o ditaram e quiseram servir-se de mim. Posso, pois, ouvir o elogio, sem que seja ferida a minha modéstia, e sem que o meu amor-próprio por isso fique exaltado. Se eu quisesse prevalecer-me disto, por certo teria reivindicado a sua concepção, em vez de atribuí-la aos Espíritos; e se pudesse duvidar da superioridade daqueles que cooperaram, bastaria considerar a influência que ele exerceu em tão pouco tempo, só pelo poder da lógica, sem contar com nenhum dos meios materiais próprios para superexcitar a curiosidade.

Seja como for, senhores, a cordialidade do vosso acolhimento para mim será um poderoso estímulo na tarefa laboriosa que empreendi e da qual fiz a razão de minha vida, pois me dá a certeza consoladora de que os homens de coração já não são tão raros neste século material, como se comprazem em afirmar. Os sentimentos que em mim fazem nascer esses testemunhos benevolentes são mais bem compreendidos do que expressos, e o que lhes dá, aos meus olhos, um valor inestimável, é que não têm por móvel nenhuma consideração pessoal. Agradeço-vos do fundo do coração, em nome do Espiritismo e, sobretudo, em nome da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que ficará feliz com as demonstrações de simpatia com que vos dignais de lhe dar, e orgulhosa de contar em Lyon tão grande número de bons e leais confrades. Permitti-me descrever, nalgumas palavras, as impressões que levo de minha breve passagem entre vós.

A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos. Eu bem sabia que Lyon os contava em grande número, mas estava longe de suspeitar que fosse tão considerável, pois são contados às centenas e logo, espero, não se poderá mais contá-los. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que é ainda melhor. Por toda parte só encontrei espíritas sinceros, que compreendem a doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista.

Há, senhores, três categorias de adeptos: os que se limitam a acreditar na realidade das manifestações e que, antes de mais, buscam os fenômenos. Para eles o Espiritismo é uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos vêem algo mais do que fatos; compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral que dele resulta, mas não a praticam. Para eles a caridade moral é uma bela máxima, e eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: praticam-na e aceitam todas as suas conseqüências. Bem convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar esses curtos instantes para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas inclinações más. Suas relações são sempre seguras, porque suas convicções os afastam de todo pensamento do mal. Em tudo a caridade lhes é regra de conduta. São estes os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas-cristãos*.

Muito bem, senhores! Eu vos digo com satisfação que aqui não encontrei nenhum adepto da primeira categoria. Em parte alguma vi se ocuparem do Espiritismo por mera curiosidade, ou se servirem das comunicações para assuntos fúteis. Em toda parte o objetivo é nobre, as intenções honestas e, a crer no que vejo e no que me dizem, há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos espíritas lioneses, por haverem tão generosamente penetrado essa via progressiva, sem a qual o Espiritismo não teria objetivo! Tal exemplo não será perdido; terá suas conseqüências e não foi sem razão, bem o vejo, que outro dia os Espíritos me responderam, por um dos vossos médiuns mais dedicados, conquanto um dos mais obscuros, quando eu lhes exprimia a minha surpresa: *“Por que te admirar? Lyon foi a cidade dos mártires. A fé aqui é viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é o cérebro, Lyon será o coração.”* A coincidência desta resposta, com a que vos foi dada precedentemente, e que o Sr. Guillaume acaba de recordar em sua alocação, tem algo de muito significativo.

A rapidez com que a doutrina propagou-se nos últimos tempos, apesar da oposição que ainda encontra, ou, talvez, por isso mesmo, pode fazer prever-lhe o futuro. Por uma questão de prudência, evitemos tudo quanto possa produzir uma impressão desagradável e – não digo perder uma causa já assegurada – retardar-lhe o desenvolvimento. Sigamos nisto os conselhos dos sábios Espíritos e não esqueçamos que, neste mundo, muitos

sucessos foram comprometidos por excessiva precipitação. Também não nos esqueçamos de que nossos inimigos do outro mundo, assim como os deste, podem procurar arrastar-nos por um caminho perigoso.

Houvestes por bem me pedir alguns conselhos e para mim é um prazer vos dar aqueles que a experiência poderá sugerir-me. Não será mais que uma opinião pessoal, que vos convido a ponderar com a vossa sabedoria e da qual fareis o uso que vos parecer conveniente, pois não tenho a pretensão de me impor como árbitro absoluto.

Tínheis a intenção de formar uma grande sociedade. A respeito já vos disse a minha maneira de pensar, de sorte que me limito a resumi-la aqui.

Sabe-se que as melhores comunicações são obtidas em reuniões pouco numerosas³⁴, sobretudo naquelas em que reinam harmonia e comunhão de sentimentos. Ora, quanto maior for o número, mais difícil será a obtenção dessa homogeneidade. Como é impossível que no começo de uma ciência, ainda tão nova, não surjam algumas divergências na maneira de apreciar certas coisas, dessa divergência infalivelmente nasceria um mal-estar, que poderá levar à desunião. Ao contrário, os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos; as pessoas se conhecem melhor, estão mais em família e podem ser mais bem admitidos as que desejamos. E, como em última análise, todos tendem para um mesmo objetivo, podem entender-se perfeitamente e haverão de entender-se tanto melhor quanto não haja aquele melindre incessante, que é incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. Os Espíritos maus, que buscam incessantemente semear a discórdia, ferindo suscetibilidades, terão sempre menos domínio num pequeno grupo do que num meio numeroso e heterogêneo. Numa

34 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, capítulo XXIX, especialmente o item 332.

palavra, a unidade de vistas e de sentimento nele será mais fácil de estabelecer.

A multiplicidade dos grupos tem outra vantagem: a de obter uma variedade muito maior de comunicações, pela diversidade de aptidão dos médiuns. Que essas reuniões parciais comuniquem reciprocamente o que elas obtêm, cada uma por seu lado, de modo que todas aproveitem os seus mútuos trabalhos. Aliás, chegará o momento em que o número de aderentes não permitiria mais uma reunião única, que deveria fracionar-se pela força das coisas. Eis por que preferível é fazer imediatamente aquilo que serão obrigados a fazer mais tarde.

Incontestavelmente, do ponto de vista da propaganda, não é nas grandes reuniões que os neófitos podem colher elementos de convicção, mas na intimidade. Há, pois, um duplo motivo para preferir os pequenos grupos, que podem multiplicar-se ao infinito. Ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, indiscutivelmente obterão mais e farão mais prosélitos que uma reunião única de duzentas pessoas.

Há pouco falei das divergências que podem surgir, e disse que elas não deviam criar obstáculos ao perfeito entendimento entre os diferentes centros. Com efeito, essas divergências só podem dar-se nos detalhes e não sobre o fundo. O objetivo é o mesmo: o melhoramento moral; o meio é o mesmo: o ensino dado pelos Espíritos. Se tal ensino fosse contraditório; se, evidentemente, um devesse ser falso e o outro verdadeiro, notai bem que isto não poderia alterar o objetivo, que é conduzir o homem ao bem, para sua maior felicidade presente e futura. Ora, o bem não poderia ter dois pesos e duas medidas. Do ponto de vista científico ou dogmático é, contudo, útil ou, pelo menos, interessante, saber quem está certo e quem está errado. Pois bem! Tendes um critério infalível para o apreciar, quer se trate de simples detalhes, quer de sistemas radicalmente divergentes; e isto se aplica

não somente aos sistemas espíritas, mas a todos os sistemas filosóficos.

Examinai, antes, o que é mais lógico, o que melhor corresponde às vossas aspirações, que melhor pode alcançar o objetivo. O mais verdadeiro será, evidentemente, aquele que explica melhor, que melhor dá a razão de tudo. Se se puder opor a um sistema um único fato em contradição com a sua teoria, é que a teoria é falsa ou incompleta. A seguir, examinai os resultados práticos de cada sistema; a verdade deve estar do lado de quem produz maior soma de bem, exerce uma influência mais salutar, produz mais homens bons e virtuosos e impele ao bem pelos motivos mais puros e mais racionais. A felicidade é o objetivo constante a que aspira o homem. A verdade estará do lado do sistema que proporciona maior soma de satisfação moral; numa palavra, que torna o homem mais feliz.

Como o ensino vem dos Espíritos, os diversos grupos, assim como os indivíduos, acham-se sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirigem moralmente. Se esses Espíritos não estiverem de acordo, a questão será saber qual o que merece mais confiança. Evidentemente, será aquele cuja teoria não pode suscitar nenhuma objeção séria; em suma, aquele que, em todos os pontos, dá mais provas de sua superioridade. Se tudo for bom, racional nesse ensino, pouco importa o nome que toma o Espírito; e, neste sentido, a questão da identidade é absolutamente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, podeis, sem qualquer vacilação, concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor, ou que se diverte. Regra geral: jamais o nome é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira por que este é expresso. Os Espíritos enganadores são capazes de imitar tudo, tudo mesmo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

Não tenho intenção, senhores, de vos dar aqui um curso de Espiritismo, e talvez esteja abusando de vossa paciência com todos esses detalhes. Entretanto, não me posso furtar a acrescentar mais algumas palavras.

Acontece muitas vezes que os Espíritos, para fazer adotar certas utopias, afetam um falso saber e tentam impô-las retirando do arsenal de palavras técnicas tudo quanto possa fascinar aquele que acredita muito facilmente. Dispõem, ainda, de um meio mais fácil, que é o de aparentar virtudes. Arrimados nas grandes palavras: caridade, fraternidade e humildade, esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos. É isso que acontece com freqüência, quando não se está prevenido; é preciso, pois, não se deixar levar pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos quanto dos homens. Confesso: eis aí uma das maiores dificuldades. Contudo, jamais se disse que o Espiritismo fosse uma ciência fácil. Ele tem os seus escolhos, que só podem ser evitados pela experiência. Para não cair na cilada é necessário, primeiro, guardar-se contra o entusiasmo que cega, do orgulho que leva certos médiuns a se julgarem os únicos intérpretes da verdade. É preciso tudo examinar friamente, pesar tudo maduramente, tudo controlar; e, se se desconfia do próprio julgamento, o que muitas vezes é mais prudente, é preciso reportar a outros, conforme o provérbio de que quatro olhos vêem mais do que dois. Um falso amor-próprio ou uma obsessão podem, por si só, fazer persistir uma idéia notoriamente falsa e que é repelida pelo bom-senso de cada um.

Não ignoro, senhores, ter aqui muitos adversários. Isto vos espanta, e, no entanto, nada é mais verdadeiro. Sim, aqui há os que me ouvem com indignação; não digo entre vós – graças a Deus! – onde só espero ter amigos. Quero falar dos Espíritos enganadores, que não querem que vos dê os meios de os desmascarar, porque descubro as suas astúcias e porque, pondo-vos em guarda, eu lhes tiro o domínio que poderiam ter sobre vós. A tal respeito, senhores, vos direi que seria um erro imaginar que eles não exerçam esse

domínio senão sobre os médiuns. Ficai certos de que, estando em toda parte, os Espíritos agem incessantemente sobre nós, sem o sabermos, quer se seja, ou não, espírita ou médium. A mediunidade não os atrai; ao contrário, fornece-lhes o meio de conhecerem o inimigo, que se trai *sempre*. *Sempre*, ouvi bem, e que só abusa dos que se deixam abusar.

Isto, senhores, leva-me a completar meu pensamento sobre o que acabo de dizer, a respeito das dissidências que poderiam surgir entre os diversos grupos, em consequência da diversidade de ensino. Eu disse que, não obstante algumas divergências, eles poderiam entender-se e devem entender-se, desde que sejam verdadeiros espíritas. Dei-vos o meio de controlar o valor das comunicações; agora vos darei o de apreciar a natureza das influências exercidas sobre cada um. Considerando-se que toda influência salutar emana de um Espíritos bom, que tudo quanto é mau vem de fonte má, que os Espíritos maus são os inimigos da união e da concórdia, o grupo que for assistido pelo Espírito do mal será aquele que lançar a pedra sobre o outro e não lhe estender a mão. Quanto a mim, senhores, eu vos considero a todos como irmãos, quer estejais com a verdade, quer com o erro. Mas vos declaro, alto e bom som, que estarei de corpo e alma com os que mostrarem mais caridade, mais abnegação. Se houvesse alguns – que Deus não permita! – que alimentassem sentimentos de ódio, inveja, ciúme, eu os lamentaria, porque estariam sob má influência, preferindo acreditar que esses maus pensamentos lhes vêm de um Espírito estranho do que de seu próprio coração. Mas isto só me tornaria suspeita a veracidade das comunicações que pudessem receber, em virtude do princípio de que um Espírito verdadeiramente bom não poderá sugerir senão bons sentimentos.

Terminarei, senhores, esta alocução, por certo já bem longa, com algumas considerações sobre as causas que devem assegurar o futuro do Espiritismo.

Compreendeis todos, pelo que tendes sob os olhos e pelo que sentis em vós mesmos, que dia virá em que o Espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre a estrutura social. Mas o dia em que essa influência será generalizada ainda está longe, sem dúvida. São necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Contudo, desde agora, se o bem não pode ser geral, já é individual, e porque esse bem é efetivo, a doutrina que o proporciona é aceita com tanta facilidade, direi mesmo com tanto entusiasmo, por muitos. Com efeito, pondo de lado a sua racionalidade, que filosofia é mais capaz de libertar o pensamento do homem dos laços terrenos, de elevar sua alma para o infinito? Qual a que lhe dá uma idéia mais justa, mais lógica e apoiada sobre as provas mais patentes, de sua natureza e de seu destino? Que seus adversários a substituam por algo de melhor, uma doutrina mais consoladora, que melhor se ponha de acordo com a razão, que substitua a alegria inefável de saber que os seres que nos foram caros na Terra estão junto a nós, que nos vêem, nos ouvem, nos falam e nos aconselham; que dê um motivo mais legítimo à resignação; que faça temer menos a morte; que proporcione mais calma nas provas da vida; que, enfim, substitua essa doce quietude experimentada quando se pode dizer: sinto-me melhor. Ante uma doutrina que faça melhor que tudo isto, o Espiritismo deporá as armas.

O Espiritismo torna, pois, soberanamente feliz; com ele, não mais isolamento, nem desespero; ele já poupou muitas faltas, impediu vários crimes, levou a paz a inúmeras famílias, corrigiu muitas imperfeições. Que será, então, quando os homens forem alimentados por tais idéias! Porque, então, vindo o raciocínio, eles se fortificarão e não mais renegarão a alma. Sim, o Espiritismo torna feliz e é isto que lhe dá um poder irresistível e assegura o seu triunfo futuro. Os homens querem a felicidade; como o Espiritismo a oferece, eles se lançarão em seus braços. Desejam aniquilá-lo? Então dêem ao homem uma fonte maior de felicidade e de esperança. Isto quanto aos indivíduos.

Duas outras forças parecem ter receado o seu aparecimento: a autoridade civil e a autoridade religiosa. Por quê? Porque não o conhecem. Hoje a Igreja começa a ver que nele encontrará uma arma poderosa para combater a incredulidade, a solução lógica de vários dogmas embaraçosos e, finalmente, que ele já conduz aos seus deveres de cristãos um bom número de ovelhas desgarradas. Por seu lado, o poder civil começa a ter provas de sua benéfica influência sobre a moralidade das classes laboriosas, às quais essa doutrina, *pela convicção*, inculca idéias de ordem e de respeito à propriedade, fazendo compreender o nada das utopias. Testemunha metamorfoses morais quase miraculosas e em breve entreverá, na difusão dessas idéias, um alimento mais útil ao pensamento que as alegrias dos cabarés ou o tumulto da praça pública e, conseqüentemente, uma salvaguarda para a sociedade. Assim, povo, Igreja e poder, um dia vendo nele um dique contra a brutalidade das paixões, uma garantia da ordem e da tranqüilidade, um retorno às idéias religiosas que se extinguem, ninguém terá interesse em obstaculizar a sua marcha. Ao contrário, cada um buscará no Espiritismo um apoio. Aliás, quem poderia deter o curso dessa torrente de idéias, que já movimenta suas águas benfazejas nas cinco partes do mundo?

Tais são, meus caros confrades, as considerações que desejava vos submeter. Termino agradecendo novamente vossa bondosa acolhida, cuja lembrança estará sempre presente em minha memória. Agradeço igualmente aos Espíritos bons por toda a satisfação que me proporcionaram durante minha viagem, porquanto, por toda parte onde me detive, também encontrei bons e sinceros espíritas e pude constatar, por meus próprios olhos, o imenso desenvolvimento dessas idéias e com que facilidade elas se enraízam. Por toda parte encontrei pessoas felizes, aflitos consolados, mágoas acalmadas, ódios apaziguados; por toda parte a confiança e a esperança sucedendo às angústias da dúvida e da incerteza. Ainda uma vez, o Espiritismo é a chave da verdadeira felicidade e aí está o segredo de seu poder irresistível. Então é

utopia uma doutrina que faz tais prodígios? Que Deus, na sua bondade, meus amigos, se digne vos enviar Espíritos bons para vos assistir nas vossas comunicações, a fim de que sejais esclarecidos sobre as verdades de que estais encarregados de espalhar. Um dia colhereis centuplicados os frutos do bom grão que houverdes semeado.

Que este banquete de amigos, meus mui amados confrades, como os ágapes de outrora, seja o penhor da união entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses, tanto no meu quanto no nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Allan Kardec

Sobre o Valor das Comunicações Espíritas

PELO SR. JOBARD

A ortodoxia religiosa confere um papel de excessiva importância a Satã e aos seus supostos satélites, que apenas deveriam ser chamados Espíritos malignos, ignorantes, vaidosos, e quase todos maculados do pecado do orgulho que os perdeu. Nisto em nada eles diferem dos homens, dos quais fizeram parte durante um período muito curto, em relação à eternidade de sua existência pneumática, que pode ser comparada à de um corpo passado ao estado volátil. O erro está na crença de que, pelo fato de serem Espíritos, devem ser perfeitos, como se o vapor e o gás fossem mais perfeitos que a água ou o líquido de onde saíram; como se um malfeitor pudesse ser um homem pacífico depois de escapar da prisão; como se um louco pudesse ser reputado sábio depois de haver transposto os muros do hospício; como se um cego,

saído do Quinze-Vings³⁵, pudesse fazer-se passar por um clarividente.

Imaginais, senhores médiuns, que vos tivésseis de haver com toda essa gente e que haja tanta diferença entre os Espíritos quanto entre os homens. Ora, não ignorais que há tantos homens quanto sentimentos diferentes; tantos corpos quanto propriedades diversas, antes como depois de sua mudança de estado. Podeis julgar, pelos seus erros, a má qualidade dos Espíritos, como se julga a má qualidade de um corpo pelo odor que exala. Se, por vezes, estão de acordo sobre certos pontos, entre si e convosco, é que se copiam e vos copiam, porquanto sabem, melhor que vós, o que foi escrito, no passado e atualmente, sobre tal ou qual doutrina que vos repetem, muitas vezes como papagaios, mas outras vezes com convicção, se forem Espíritos estudiosos e conscienciosos, como certos filósofos ou sábios que vos dessem a honra de vir conversar e discutir convosco. Mas ficai persuadidos de que só vos respondem quando pressentem que vos encontrais em condições de os compreender. Sem isto não vos dizem senão vulgaridades e nada que ultrapasse o alcance de vossa inteligência e dos vossos conhecimentos adquiridos. Tanto quanto vós, eles sabem que não se lançam pérolas aos porcos; citam o Evangelho, se sois cristão, o Alcorão, se sois muçulmano, e facilmente se põem em unísono convosco, porque no estado pneumático têm a inteligência que os corpos materiais volatilizados não possuem; somente nisto a comparação precedente não é exata. Se gostais de rir, fazer jogo de palavras, e tratais com um Espírito sério, ele vos enviará farsistas, mais fortes que vós nos gracejos e nos trocadilhos. Se tiverdes o cérebro fraco, ele vos abandona aos mistificadores, que vos levarão mais longe do que gostaríeis.

Em geral os Espíritos gostam de se entreter com os homens; é uma distração e por vezes um estudo para eles, como

35 **N. do T.:** Alusão a antigo hospital parisiense, fundado por São Luís (Luís IX) e destinado aos cegos.

todos o dizem. Assim, não temais fatigá-los, pois sempre o ficareis antes deles; mas não vos ensinarão nada além do que vos poderiam ter dito em vida. Eis a razão por que tanta gente pergunta qual a vantagem de perder tempo em consultá-los, desde que não se pode esperar revelações extraordinárias, invenções inesperadas, panacéias, pedras filosofais, transmutações de metais, movimentos perpétuos, já que não sabem mais que vós sobre os resultados ainda não obtidos pela ciência humana. E se vos estimulam a fazer experiências, é que eles mesmos estariam curiosos para ver os seus efeitos, pois, do contrário, só vos dão explicações confusas, como os pseudo-sábios e certos advogados, que se deixam enredar em suas próprias palavras. Se se trata de um tesouro, eles vos dizem: cavi; de uma liga, dizem: soprai. É possível que, buscando, encontreis. Ficarão tão assombrados quanto vós e se gabarão de vos terem dado bons conselhos. A vaidade humana não os abandona. Os Espíritos bons não vos afirmam que encontrareis tesouros, como fazem os maus, que não têm escrúpulo em vos arruinar. É nisto que jamais deveis fazer abstração do vosso julgamento, do vosso livre-arbítrio, da vossa razão. Que dizeis quando um homem vos instiga a um mau negócio? Que é um Espírito infernal, diabólico. Pois bem! O Espírito que vos aconselha mal não é mais diabólico, mais infernal; quando muito é um ignorante, um mistificador; mas não tem missão especial, nem poder sobre-humano, nem grande interesse em vos enganar; usa igualmente do livre-arbítrio que Deus lhe deu, como deu a vós, podendo, como vós, fazer dele bom ou mau uso; eis tudo. É tolice acreditar que ele se ligue a vós durante anos e anos para tentar alistar a vossa própria alma no exército de Satã. O que adianta a Satã um recruta a mais ou a menos, quando eles chegam, espontaneamente, aos milhares de milhões, sem que ele se dê ao trabalho de os convocar? Os eleitos são raros, mas inumeráveis os voluntários do mal. Se Deus e o diabo têm, cada um, o seu exército, só Deus necessita de recrutadores; o Diabo pode poupar-se ao trabalho de preencher os seus quadros. Como a vitória está sempre do lado dos grandes batalhões, julgai de sua grandeza e de seu

poder, e da facilidade de seus triunfos sobre todos os pontos do Universo. E, sem ir muito longe, olhai em torno de vós.

Mas tudo isso não tem sentido. Desde que hoje se sabe facilmente conversar com as criaturas do outro mundo, é preciso aceitá-las como são e pelo que são. Há poetas que podem ditar bons versos, filósofos e moralistas que podem dar boas máximas, historiadores que podem dar esclarecimentos sobre sua época, naturalistas que podem ensinar o que sabem, ou retificar os erros que cometeram, astrônomos que podem revelar certos fenômenos que ignorais, músicos, autores capazes de escrever obras póstumas e que chegam mesmo a pedir que sejam publicadas em seu nome. Um deles, que pensava ter inventado alguma coisa, indignou-se ao saber que a patente não lhe seria entregue pessoalmente; outros não fazem mais caso das coisas terrenas do que certos sábios. Há também os que assistem com prazer infantil à inauguração de sua estátua e outros que não se dão ao trabalho de ir vê-la e que desprezam profundamente os imbecis que lhes prestam essa honra, depois de os haverem desprezado e perseguido em vida. A propósito de sua estátua, Humboldt não respondeu senão uma palavra: Irrisão! Um outro deu a inscrição da estátua que lhe preparam e que sabe não havê-la merecido: Ao grande ladrão, os roubados reconhecidos.

Em resumo, devemos considerar como certo que cada um leva consigo o caráter e as conquistas morais e científicas; os tolos daqui são ainda os tolos de lá. Só os larápios, que não têm mais bolsos a esvaziar; os gulosos, nada mais a fritar; os banqueiros, nada mais a descontar, sofrem tais privações. É por isso que o Espírito-Santo, o Espírito de Verdade, nos recomenda o desprezo das coisas terrenas, que não podemos carregar, nem assimilar, para só pensarmos nos bens espirituais e morais, que nos acompanham e nos servirão pela eternidade, não só de distração, mas como degraus para nos elevarmos incessantemente na grande escada de Jacó, na incomensurável hierarquia dos Espíritos.

Assim, vede quão pouco caso fazem os Espíritos bons dos bens e dos prazeres grosseiros que perderam ao morrer, isto é, ao entrarem em seu país, como eles dizem. Semelhantes a um sábio prisioneiro, arrancado subitamente de sua cela, não são suas roupas, seus móveis, seu dinheiro que ele lamenta, mas os seus livros e manuscritos. A borboleta que sacode o pó de suas asas antes de retomar o vôo, pouco se preocupa com os restos da lagarta que lhe serviu de habitáculo. Do mesmo modo, um Espírito como o de Buffon não mais lamentará o seu castelo de Montbard, como Lamartine não lamentará seu Saint-Point, que tanta questão ele fazia em vida. É por isso que a morte do sábio é tão calma e a do *humanimal*³⁶ tão horrível, porquanto sente este último que, perdendo os bens terrenos, tudo perde; aí se agarra como o avarento ao seu cofre-forte. Seu Espírito não pode sequer afastar-se; prende-se à matéria e continua a assombrar os lugares que lhe foram caros e, em vez de fazer incessantes esforços para romper os laços que o retêm à Terra, a ela se prende como um desesperado. Sofre verdadeiramente como um danado, por não mais poder gozá-los; eis o inferno, eis o fogo que esses réprobos se empenham em tornar eterno. Tais são os Espíritos maus, que repelem os conselhos dos bons e que necessitam socorros da razão e da própria sabedoria humana, a fim de se decidirem a abandonar a presa. Os bons médiuns devem dar-se ao trabalho de os fazer pensar, de os doutrinar e orar por eles, pois confessam que a prece os alivia; por isso mesmo testemunham o seu reconhecimento, em termos às vezes muito tocantes. Isto prova a existência de uma solidariedade entre todos os Espíritos, livres ou encarnados, porque, evidentemente, a encarnação não passa de uma punição, e a Terra, de um lugar de expiação, onde, como diz o salmista, não somos postos para nosso entretenimento, mas para nos aperfeiçoarmos e aprender a adorar a Deus, estudando as suas obras. De onde se segue que o mais infeliz é o mais ignorante; o

36 N. do T.: Cunhada por Jobard, a palavra *humanimal* não faz parte do léxico francês, muito embora, no contexto da frase em que se acha inserida, possamos adivinhar facilmente o seu significado.

mais selvagem torna-se o mais vicioso, o mais criminoso e o mais miserável dos seres, aos quais Deus outorgou uma centelha de sua alma divina, e talentos para os fazer valer e não para os enterrar até a chegada do mestre, ou, antes, até o comparecimento do culpado de preguiça ou de negligência perante Deus.

Eis o que verdadeiramente é para uns e para outros o mundo espírita, que a uns inspira tanto medo e a outros tanto encanta, e que nem mereceu esse excesso de homenagens, nem essa indignidade.

Quando, à força de estudo e de experiência, nos tivermos familiarizado com o fenômeno das manifestações, tão natural quanto qualquer outro, reconheceremos a veracidade das explicações que acabamos de dar. O poder do mal, que é concedido aos Espíritos, tem por antítese o poder do bem que se pode esperar dos outros. Essas duas forças são *adequadas*, como todas as da Natureza, sem o que o equilíbrio se romperia e o livre-arbítrio seria substituído pela fatalidade, o cego *fatum*, o *fato bruto*, inteligente, a morte de todos, a catalepsia do Universo, o caos.

Proibir interrogar os Espíritos é reconhecer que eles existem; assinalá-los como prepostos do diabo é fazer pensar que existem os que são agentes e missionários de Deus. Que os maus sejam mais numerosos, estamos de acordo; mas há de tudo, como na Terra. No entanto, porque há mais grãos de areia do que pepitas de ouro, deve-se condenar os garimpeiros?

Quando os Espíritos vos dizem que lhes é proibido responder a certas perguntas de importância meramente pessoal, é uma maneira cômoda de ocultar a sua ignorância das coisas do futuro. Tudo quanto depende de nossos próprios esforços, de nossas pesquisas intelectuais, não nos pode ser revelado sem violar a lei divina, que obriga o homem ao trabalho. Seria muito cômodo para qualquer *médium*, tomado por um Espírito familiar

complacente, adquirir sem esforço todos os tesouros e todo o poder imaginável, desembaraçando-se de todos os obstáculos que os outros superam com tanta dificuldade. Não, os Espíritos não têm semelhante poder e fazem bem dizendo que lhes é interdito tudo o que lhe pedis de ilícito. Contudo, exercem grande influência sobre os encarnados, para o bem ou para o mal; felizes daqueles que os Espíritos bons aconselham e protegem: tudo lhes sai bem, se obedecem às boas inspirações, que, aliás, não recebem senão após havê-las merecido e realizado o esforço equivalente ao sucesso que lhes é dado por acréscimo.

Quem quer que, deitado na cama, espere a fortuna, não terá muita chance de adquiri-la. Tudo aqui depende do trabalho inteligente e honesto, que nos proporciona uma grande satisfação íntima e nos livra do mal físico, comunicando-nos o dom de aliviar o mal alheio, porquanto não existe um *médium* bem-intencionado que não seja magnetizador e curador por natureza. Mas, ignorando possuir tal tesouro, não tentam utilizá-lo. É nisto que deveriam ser melhor aconselhados e mais poderosamente auxiliados por seus Espíritos bons. Têm-se visto milagres análogos ao sucedido com o duque de *Celeuza*, príncipe Vasto, no café *Nocera*, em Nápoles, em 13 de junho último, o qual acaba de publicar que foi curado instantaneamente de uma doença reputada *incurável*, da qual sofria há dez anos, unicamente pela palavra de um velho cavalheiro francês, ao qual narrara seus sofrimentos. Há outros que fazem tais coisas em diversos países, na Holanda, na Inglaterra, na França, na Suíça. Mas eles se multiplicarão com o tempo: os germes estão semeados.

Os *médiuns* devidamente advertidos quanto à natureza, aos usos e costumes dos Espíritos terrenos, nada mais têm a fazer do que se conduzirem de acordo. Quanto aos Espíritos celestes ou de uma ordem transcendente, é tão raro se comunicarem com os indivíduos, que ainda não é tempo de falar deles. Eles presidem aos destinos das nações e às grandes catástrofes, às grandes evoluções

dos globos e das humanidades; no momento estão trabalhando. Esperemos, com recolhimento, as grandes coisas por vir: *Renovabunt faciem terrae.*

Jobard

OBSERVAÇÕES

O Sr. Jobard havia dado ao seu artigo o título de *Conselhos aos médiuns*. Julgamos dever dar-lhe um título menos exclusivo, tendo em vista que suas observações se aplicam, em geral, à maneira de apreciar as comunicações espíritas. Sendo os médiuns apenas instrumentos das manifestações, estas podem ser dadas a todas as pessoas, seja diretamente, seja através de um intermediário. Todos os evocadores podem, pois, aproveitá-las, tanto quanto os médiuns.

Aprovamos esta maneira de julgar as comunicações porque é rigorosamente verdadeira e não pode senão contribuir para nos acautelarmos contra a ilusão, à qual estão expostos os que aceitam muito facilmente, como expressão da verdade, tudo quanto venha do mundo dos Espíritos. Todavia, pensamos que o Sr. Jobard talvez seja um tanto absoluto sobre certos pontos. Em nossa opinião, ele não leva muito em conta o progresso realizado pelo Espírito no estado errante. Sem dúvida – fato constatado pela experiência – o Espírito leva para o além-túmulo as imperfeições da vida terrena. Porém, como se acha num meio completamente diverso; como já não recebe as suas sensações através dos órgãos materiais; e visto não ter mais sobre os olhos o véu espesso que obscurecia as idéias, suas sensações, percepções e concepções devem experimentar uma sensível modificação. Eis por que vemos, todos os dias, homens que pensam, após a morte, de modo completamente diverso do que o faziam em vida, porque o horizonte moral para eles se dilatou; autores criticando as próprias obras; homens do mundo censurando a própria conduta; sábios

reconhecendo seus erros. Se o Espírito não progredisse na vida espiritual, retornaria à vida corpórea como dela havia saído, nem mais adiantado, nem mais atrasado, o que, positivamente, é contraditado pela experiência. Certos Espíritos podem, pois, ver mais claro e mais justo do que quando estavam na Terra; assim, alguns são vistos dando excelentes conselhos, com os quais nos edificamos. Mas entre os Espíritos, como entre os homens, é preciso saber a quem nos dirigimos e não crer que qualquer um deles possua a ciência infusa, nem que um sábio esteja liberado de seus preconceitos terrenos, só porque são Espíritos. A este respeito o Sr. Jobard tem inteira razão ao dizer que não devemos aceitar suas teorias e sistemas senão com extrema reserva; é preciso fazer com eles o que se faz com os homens, isto é, só lhes dar crédito quando tiverem dado provas irrecusáveis de sua superioridade, e não pelo nome falso com que por vezes se apresentam, mas pela constante sabedoria de seus pensamentos, a irrefutável lógica de seus raciocínios e a inalterável bondade de seu caráter.

As judiciosas observações do Sr. Jobard, deixando de lado o que podem conter de exagero, sem dúvida decepcionarão os que pensam encontrar nos Espíritos um meio certo de tudo saber, fazer descobertas lucrativas, etc. Realmente, aos olhos de certas pessoas, para que servem os Espíritos, se não nos auxiliam a fazer fortuna? Pensamos que basta ter estudado um pouco a Doutrina Espírita para compreender que nos ensinam uma porção de coisas mais úteis do que saber se ganharemos na bolsa ou na loteria. Contudo, mesmo admitindo a hipótese mais rigorosa, na qual seria completamente indiferente dirigir-se aos Espíritos ou aos homens para as coisas deste mundo, nada significaria o fato de nos darem prova da existência de além-túmulo? de nos inteirarem do estado feliz ou infeliz dos que nos precederam? de nos provarem que aqueles a quem amamos não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos nesse mundo que nos espera a todos, ricos ou pobres, poderosos ou escravos? Porque, afinal, uma coisa é certa: que, mais dia, menos dia, haveremos de morrer. O que existirá além

dessa barreira? atrás dessa cortina que nos vela o futuro? Alguma coisa ou o nada? Pois bem! Os Espíritos nos ensinam que existe algo; que, quando morremos, nem tudo está acabado. Longe disto; só então é que começa a verdadeira vida, a vida moral. Ainda que só isto nos ensinassem, suas conversas não seriam inúteis. Fazem mais: ensinam o que devemos fazer aqui para nos encontrarmos em melhores condições no outro mundo. E como lá teremos que ficar muito tempo é bom nos assegurarmos o melhor lugar possível. Como diz o Sr. Jobard, em geral os Espíritos atribuem pouca importância às coisas da Terra, por uma razão muito simples: *é que têm melhor do que isto*; seu objetivo é ensinar-nos o que devemos fazer para ali sermos felizes. Eles sabem que nos prendemos às alegrias da Terra, como as crianças com seus brinquedos; querem avançar o nosso raciocínio: tal a sua missão. Se somos enganados por uns, é porque queremos tirá-los da esfera de suas atribuições. Perguntar-lhes o que não sabem, o que não podem ou não devem dizer, é ser mistificado pela turba de Espíritos zombeteiros, que se divertem com a nossa credulidade. O erro de certos médiuns é crer na infalibilidade dos Espíritos que com eles se comunicam e os seduzem por belas frases, escorados num nome imponente que, na maioria das vezes, não lhes pertence. Reconhecer a fraude é um resultado do estudo e da experiência. Nesse sentido, o artigo do Sr. Jobard só lhes pode ajudar a abrir os olhos.

Dissertações Espíritas

RECEBIDAS OU LIDAS NA SOCIEDADE POR VÁRIOS MÉDIUNS

FORMAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Deus criou a semente humana, que espalhou nos mundos, como o lavrador lança nos sulcos o grão que deve

germinar e amadurecer. Essas sementes divinas são moléculas de fogo que Deus faz jorrar do grande foco, centro de vida, onde resplandece o seu poder. Tais sementes são para a Humanidade aquilo que são os germes das plantas para a terra; desenvolvem-se lentamente e só amadurecem após longa permanência nos planetas-mãe, onde se forma o começo das coisas. Falo apenas do princípio; chegado à sua condição de homem o ser se reproduz e a obra de Deus está consumada.

Por que, sendo comum o ponto de partida, são tão diversos os destinos humanos? Por que nascem uns num meio civilizado e outros no estado selvagem? Qual é, então, a origem dos demônios? Retomemos a história do Espírito em sua primeira eclosão. Apenas formadas, hesitantes e balbuciantes, as almas são, entretanto, livres de inclinar-se para o bom ou para o mau lado. Desde que viveram, os bons separam-se dos maus. A história de Abel é ingenuamente verdadeira. Apenas saídas das mãos do Criador, as almas ingratas persistem na revolta do crime; então, durante a sucessão dos séculos, elas erram, prejudicando os outros e, sobretudo, a si mesmas, até que sejam tocadas pelo arrependimento, o que acontece infalivelmente. Então os primeiros demônios são os primeiros homens culpados. Deus, na sua imensa justiça, jamais impõe sofrimentos que não sejam os resultantes dos atos maus. A Terra devia ser inteiramente povoada, mas não o poderia ser igualmente; conforme o grau de progresso obtido nas migrações terrenas, uns nascem nos grandes centros de civilização, enquanto outros, Espíritos incertos, ainda necessitados de iniciação, nascem nas florestas recuadas. O estado selvagem é preparatório. Tudo é harmonioso, e a alma culpada e cega de um demônio da Terra não pode reviver num centro esclarecido. No entanto, algumas se aventuram nesse meio que não é o seu. Se aí não marchar em uníssono, oferecem o espetáculo da barbárie no seio da civilização. São seres expatriados.

O estado embrionário é o de um ser que ainda não sofreu migração. Não se pode estudá-lo à parte, por isso que é a origem do homem.

Georges

OS ESPÍRITOS ERRANTES

Médium – Sra. Costel

Os Espíritos estão divididos em várias categorias. A princípio os *embriões*, que não possuem nenhuma faculdade distinta; que flutuam no ar como insetos que se vêem turbilhonar num raio de sol; que volitam sem objetivo e se encarnam sem terem feito escolha. Tornam-se seres humanos ignorantes e grosseiros.

Acima deles estão os *Espíritos levianos*, cujos instintos não são maus, mas apenas maliciosos; divertem-se com os homens e lhes causam aborrecimentos frívolos. São crianças, delas conservando os caprichos e a malícia pueril.

Os Espíritos maus não são todos do mesmo grau; uns não fazem outro mal, além de ligeiros enganos; não se prendem a um ser e se limitam a cometer faltas pouco graves.

Os Espíritos malfeitores impelem ao mal e gozam com isto, mas ainda têm algum lampejo de piedade.

Os Espíritos perversos não a têm. Todas as suas faculdades tendem para o mal. Fazem-no por cálculo e com perseverança; gozam as torturas morais que provocam. Correspondem, no mundo dos Espíritos, aos criminosos no vosso. Chegam a tal perversidade porque desconhecem as leis de Deus; nas suas vidas carnis, sucumbem de queda em queda e passam-se séculos antes que lhes venha um pensamento de renovação. O mal é o seu elemento; nele mergulham com prazer; mas, obrigados a reencarnar-se, passam por tais sofrimentos e esses sofrimentos de

tal modo crescem em suas vidas espíritas que a paixão do mal neles se consume; acabam por compreender que devem ceder à voz de Deus, que não cessa de os chamar. Viram-se Espíritos rebeldes pedir com ardor as mais terríveis expiações e suportar o martírio com alegria. Esse retorno ao bem é uma imensa felicidade para os puros Espíritos. A palavra do Cristo sobre as ovelhas desgarradas é radiosa verdade.

Os Espíritos errantes da segunda ordem são os intermediários entre os Espíritos superiores e os mortais, porque é raro que os Espíritos se comuniquem diretamente, sendo preciso que a tanto sejam impelidos por uma solicitude particular. Esses intermediários são os Espíritos dos mortais que não têm nenhum mal grave a se censurar e cujas intenções não foram más. Recebem missões e, quando as realizam com zelo e amor, são recompensados por um progresso mais rápido. Têm menos migrações a sofrer. Assim, os Espíritos desejam ardentemente essas missões, que só lhes são concedidas como recompensa e quando são julgados capazes de cumpri-las. São os Espíritos superiores que os dirigem e lhes escolhem as funções.

Os Espíritos superiores não são todos do mesmo grau. Se eles são dispensados das migrações nos vossos mundos, não o são das condições de progresso nas esferas mais elevadas. Enfim, não existe nenhuma lacuna no mundo visível e no invisível; uma ordem admirável proveu a tudo; nenhum ser é ocioso ou inútil; todos concorrem na medida de suas faculdades para a perfeição da obra de Deus, que não tem termo nem limite.

Georges

O CASTIGO

Médium – Sra. Costel

Os Espíritos maus, egoístas e inflexíveis, logo após a morte são entregues a uma dúvida cruel sobre o seu destino

presente e futuro; inicialmente olham em torno de si e, porque não vêem nenhum assunto sobre o qual possam exercer a sua influência má, o desespero apodera-se deles, uma vez que o isolamento e a inação são intoleráveis para os Espíritos maus; não levantam o olhar para os lugares habitados pelos Espíritos puros; consideram o que os cerca e logo, sensibilizados pelo abatimento dos Espíritos fracos e punidos, lançam-se a eles como a uma presa, armando-se com a lembrança de suas faltas passadas, incessantemente postas em ação por meio de gestos irrisórios. Não lhes bastando esta zombaria, lançam-se sobre a Terra como abutres esfaimados; procuram entre os homens a alma que dará mais fácil acesso às suas tentações; delas se apoderam, exaltam-lhe a cobiça, tentam extinguir a sua fé em Deus e, finalmente, quando donos de uma consciência vêem a presa dominada, espalham o fatal contágio sobre tudo que se aproximar de sua vítima.

O Espírito mau que dá vazão à sua raiva é quase feliz; apenas sofre nos momentos em que não age e também naqueles em que o bem triunfa sobre o mal.

Entretanto, passam os séculos; o Espírito mau sente-se de súbito invadido pelas trevas. Aperta-se o seu círculo de ação, e sua consciência, até então muda, faz-lhe sentir as pontas aceradas do arrependimento. Inativo, arrastado pelo turbilhão, vaga, sentindo, como diz a Escritura, o pêlo de sua carne se eriçar de pavor; em breve um grande vazio se faz nele e ao seu redor; chegado o momento, deve expiar; a reencarnação, ameaçadora, lá está; ele vê, como numa miragem, as provas terríveis que o aguardam; gostaria de recuar, mas avança e, precipitado no abismo escancarado da vida, rola apavorado até que o véu da ignorância lhe cai sobre os olhos. Vive, age, é ainda culpado; sente em si uma espécie de lembrança inquietante, de pressentimentos que o fazem tremer, mas não o levam a recuar no caminho do mal. Esgotado de forças e de crimes, vai morrer. Estendido sobre o catre ou sobre o leito – não importa – o homem culpado sente, sob aparente

imobilidade, mover-se e viver um mundo de sensações esquecidas! Debaixo das pálpebras fechadas vê surgir um clarão e ouve sons estranhos; sua alma, que vai deixar o corpo, agita-se impaciente, enquanto suas mãos crispadas procuram agarrar-se aos lençóis; gostaria de falar, de gritar aos que o cercam: Segurem-me! vejo o castigo! Não pode; a morte se fixa sobre os lábios descorados e os assistentes dizem: Ei-lo em paz!

Entretanto, ele ouve tudo; flutua em redor do corpo, que não desejaria abandonar; uma força secreta o atrai: vê, reconhece o que já viu. Desvairado, lança-se no espaço, onde quer esconder-se. Não há mais retiro! Não há mais repouso! Outros Espíritos lhe devolvem o mal que ele fez e, castigado, ridicularizado, confuso por sua vez, erra e errará até que o divino clarão penetre a sua resistência e o esclareça, para lhe mostrar o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, que ele só poderá apaziguar à força de gemidos e expiações.

Georges

Observação – Nunca foi desenhado um quadro mais eloqüente, mais terrível e mais verdadeiro da sorte do mau. É então necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

MARTE

Médium – Sra. Costel

Marte é um planeta inferior à Terra, da qual é grosseiro esboço; não é necessário habitá-lo. Marte é a primeira encarnação dos mais grosseiros demônios. Os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem, sem a nobreza da bondade.

Entregues às necessidades materiais, comem, bebem, batem-se, acasalam-se. Mas como Deus não abandona nenhuma de

suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz latente o vago conhecimento de si mesmos, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto é suficiente para torná-los superiores uns aos outros e preparar a eclosão para uma vida mais completa. A deles é curta como a dos insetos efêmeros. Os homens, que são apenas matéria, desaparecem após curta evolução. Deus tem horror ao mal e só o tolera como servindo de princípio ao bem. Ele abrevia o seu reino, sobre o qual triunfa a ressurreição.

Nesse planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria, que a primavera não renova; um dia igual e cinzento. Apenas aparente, o Sol jamais prodigaliza suas festas; o tempo escoia monótono, sem as alternativas e as esperanças das novas estações; não é inverno, não é verão. Mais curto, o dia não é medido do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústria, sem invenções, os habitantes de Marte consomem a vida à procura de alimento. Suas grosseiras habitações, baixas como um casebre, são repugnantes pela incúria e pela desordem que nelas reinam. As mulheres se destacam sobre os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não passam de suas fêmeas. Têm apenas o sentimento maternal; dão à luz com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam seus filhos a seu lado, até o completo desenvolvimento de suas forças, e os expulsam sem pesar e sem saudade.

Não são canibais; suas contínuas batalhas não têm outro objetivo que não seja a posse de um terreno mais ou menos abundante em caça. Caçam nas planícies intermináveis. Inquietos e instáveis como os seres desprovidos de inteligência, deslocam-se incessantemente. A igualdade da estação, a mesma em toda parte, comporta, em consequência, as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um e de outro hemisfério.

Para eles a morte não representa nenhum pavor ou mistério; consideram-na apenas como a putrefação do corpo, que

queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, logo é abandonado; então, só e deitado, pensa pela primeira vez; um vago instinto o assalta; como a andorinha advertida da próxima estação, sente que nem tudo está acabado, que vai recomeçar alguma coisa desconhecida. Não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mas calcula, às pressas, suas vitórias e derrotas; pensa no número de caças que abateu e se regozija ou se aflige conforme os resultados obtidos. Sua mulher – só têm uma por vez, embora possam trocá-las sempre que lhes convêm – agachada à entrada, atira seixos no ar; quando formam um montículo, ela julga que chegou a hora e se aventura a olhar para o interior; se suas previsões se tiverem realizado, se o homem estiver morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o da pele de animais que o envolve, vai friamente avisar seus vizinhos, que transportam o corpo e o incineram, tão logo esfria.

Os animais, que por toda parte sofrem os reflexos humanos, são mais selvagens, mais cruéis que em qualquer outro lugar. O cão e o lobo são uma só e mesma espécie, incessantemente em luta com o homem, que, contra eles, se entrega a combates encarniçados. Aliás, menos numerosos, menos variados que na Terra, os animais são a miniatura deles mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento ruge e curva as árvores até o solo; as águas submergem as terras ingratas, que não fecunda; o terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o fogo não o aquece; os vulcões são desconhecidos; as montanhas, pouco elevadas, não oferecem nenhuma beleza; fatigam o olhar e desencorajam a exploração; enfim, por toda parte, monotonia e violência; por toda parte a flor sem cor e sem perfume, por toda parte o homem sem previdência, matando para sobreviver.

Georges

Observação – Para servir de transição entre o quadro de Marte e o de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Observando-a, fácil é reconhecer que mais se aproxima de Marte que de Júpiter, posto que, mesmo no seio da própria civilização, ainda se encontram seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos e de humanidade, vivendo no mais absoluto embrutecimento e não pensando senão em suas necessidades materiais, sem jamais terem voltado o olhar para o céu, que parecem ter vindo diretamente de Marte.

JÚPITER

Médium – Sra. Costel

Infinitamente maior que a Terra, o planeta Júpiter não apresenta o mesmo aspecto. É inundado por uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais, dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são maiores e aperfeiçoados; a Natureza é mais grandiosa e mais variada; a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam é a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo purificada. Não somos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos as necessidades, nem as doenças que lhes são consequência. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano, que conserva os traços de nossas passadas migrações; aparecemos aos amigos tal como nos conheceram, porém iluminados por uma luz divina, transfigurados por nossas impressões interiores, que são sempre elevadas.

Como a Terra, Júpiter é dividido num grande número de países de aspectos variados, mas não de clima. As diferenças de condições são determinadas apenas pela superioridade moral e de inteligência; não há senhores nem escravos; os mais elevados graus são marcados somente pelas comunicações mais diretas e mais

freqüentes com os Espíritos puros e pelas mais importantes funções que nos são confiadas. Vossas habitações não vos podem dar nenhuma idéia das nossas, pois não temos as mesmas necessidades. Cultivamos as artes, chegadas a um grau de perfeição desconhecida entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes; entre eles, o que mais admiramos, à medida que melhor compreendemos, é o da inesgotável variedade das criações, variedades harmoniosas que têm o mesmo ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos engrandecidos e purificados, e o desejo incessante que temos, de alcançar o plano dos Espíritos puros, não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele ao aperfeiçoamento. Estudamos incessantemente, com amor, para nos elevarmos até eles, o que também fazem os seres inferiores para nos igualarem. Vossos pequenos ódios, vossos ciúmes mesquinhos nos são desconhecidos; um laço de amor e de fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. Em vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a calma eterna da alma nos cumulam de uma eterna alegria. Eis o que o Espírito humano tem mais dificuldade para compreender: se foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, jamais pôde representar as alegrias do céu. E por quê? Porque, sendo inferior, só tendo suportado sofrimentos e misérias, não foi capaz de entrever as claridades celestes; não vos pode falar senão do que conhece, como o viajante descreve os países que percorreu. Mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se aclara e ele compreende o bem que está à sua frente, como compreendeu o mal que ficou para trás.

Já outros Espíritos tentaram vos fazer compreender, tanto quanto o permite a vossa natureza, o estado dos mundos felizes, a fim de vos estimular a seguir o único caminho que a eles

pode conduzir. Mas há entre vós os que estão de tal modo ligados à matéria, que ainda preferem as alegrias materiais da Terra às alegrias puras, reservadas ao homem que sabe desligar-se delas. Que gozem, pois, enquanto estão aqui! Porque um triste revés os espera, talvez mesmo nesta vida. Os que escolhemos para nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz. Infelizes, sobretudo, os que não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porquanto sua justiça pesará sobre eles!

Georges

OS ESPÍRITOS PUROS

Médium – Sra. Costel

Os puros Espíritos são aqueles que, chegados ao mais alto grau da perfeição, são julgados dignos de ser admitidos aos pés de Deus. O infinito esplendor que os envolve não os dispensa de ser úteis nas obras da Criação: as funções que devem preencher correspondem à extensão de suas faculdades. Esses Espíritos são os ministros de Deus; sob suas ordens, regem os mundos inumeráveis; dirigem do alto os Espíritos e os humanos; estão ligados entre si por um amor sem limites, e esse ardor se estende sobre todos os seres que procuram atrair para se tornarem dignos da suprema felicidade. Deus se irradia sobre eles e lhes transmite suas ordens; eles o vêem sem serem ofuscados por sua luz.

Sua forma é etérea, nada tendo de palpável; falam aos Espíritos superiores e lhes comunicam sua ciência; tornam-se infalíveis. Em suas fileiras é que são escolhidos os anjos-da-guarda, que bondosamente baixam o olhar sobre os mortais, e os recomendam aos Espíritos superiores, que os amaram. Estes escolhem os agentes de sua direção nos Espíritos de segunda ordem. Os Espíritos puros são iguais, e nem poderia ser de outro modo, pois somente são chamados a essa posição depois de haverem atingido o mais alto grau de perfeição. Há igualdade, mas

não uniformidade, porquanto não quis Deus que nenhuma de suas obras fosse idêntica. Os Espíritos puros conservam sua personalidade, que apenas adquiriu a perfeição mais completa no sentido de seu ponto de partida.

Não é permitido dar mais detalhes sobre esse mundo supremo.

Georges

MORADA DOS BEM-AVENTURADOS

Médium – Sra. Costel

Falemos das últimas espirais da glória, habitadas pelos Espíritos puros. Ninguém as atinge antes de haver atravessado os ciclos dos Espíritos errantes. Júpiter está no mais alto grau da escala. Quando um Espírito, longamente purificado por sua estada nesse planeta, é julgado digno da suprema felicidade, é disso advertido por um redobramento de ardor; um fogo sutil anima todas as partes delicadas de sua inteligência, que parece irradiar e tornar-se visível; deslumbrante, transfigurado, ele clareia a luz que parecia tão radiosa aos olhos dos habitantes de Júpiter; seus irmãos reconhecem o eleito do Senhor e, trêmulos, ajoelham-se ante a sua vontade. Entretanto, o Espírito escolhido eleva-se, e os céus, na sua suprema harmonia, lhe revelam belezas indescritíveis.

À medida que sobe, compreende, não mais como na erraticidade, não mais vendo o conjunto das coisas criadas, como em Júpiter, mas abarcando o infinito. Sua inteligência transfigurada eleva-se como uma flecha até Deus, sem tremor e sem terror, como num foco imenso alimentado por mil objetos diversos. O amor, nesses diversos Espíritos, reveste a cor de sua personalidade; eles se reconhecem e se regozijam. Refletidas, suas virtudes repercutem, por assim dizer, as delícias da visão de Deus e aumentam incessantemente com a felicidade de cada eleito. Mar de amor que

cada afluyente aumenta, essas forças puras não ficam mais inativas que as forças de outras esferas. Logo investidos do dom da ubiqüidade, abrangem ao mesmo tempo os detalhes infinitos da vida humana, desde a sua eclosão até as últimas etapas. Irresistível como a luz, sua vista penetra por toda parte simultaneamente e, ativos como a força que os move, espalham a vontade do Senhor. Como de uma urna cheia escapa a onda benfazeja, sua bondade universal aquece os mundos e confunde o mal.

Esses diversos intérpretes têm como ministros de seu poder os Espíritos já depurados. Assim, tudo se eleva, tudo se aperfeiçoa e a caridade irradia sobre os mundos, que alimenta em seu seio poderoso.

Os Espíritos puros têm como atributo a posse de tudo quanto é bom e verdadeiro, porque possuem o próprio princípio, que é Deus. O próprio pensamento humano limita tudo que abrange e não admite o infinito, que a felicidade não limita. Depois de Deus, que pode haver? Deus ainda, sempre Deus. O viajante vê os horizontes se sucederem aos horizontes e um é apenas começo de outro; assim, o infinito se desdobra incessantemente. A maior alegria dos Espíritos puros é precisamente essa extensão tão profunda quanto a própria eternidade.

Do mesmo modo que não se descreve uma graça, uma chama e um raio, não posso descrever os Espíritos puros. Mais vivos, mais belos e mais resplandecentes que as mais etéreas imagens, uma palavra resume seu ser, seu poder e seus prazeres: Amor! Preenchi com esta palavra o espaço que separa a Terra do Céu, e ainda não tereis senão a idéia de uma gota de água no mar. Por mais grosseiro que seja, só o amor terrestre pode vos dar idéia de sua divina realidade.

A REENCARNAÇÃO

Médium – Sr. de Grand-Boulogne

Há na doutrina da reencarnação uma economia moral que não escapa à tua inteligência.

Sendo a corporeidade compatível somente com os atos de virtude, e sendo esses atos necessários ao melhoramento do Espírito, raramente encontrará este, numa única existência, as circunstâncias necessárias ao seu progresso acima da Humanidade.

Sendo admitido que a justiça de Deus não pode harmonizar-se com as penas eternas, deve a razão concluir pela necessidade: 1^o de um período de tempo durante o qual o Espírito examina o seu passado e toma suas resoluções para o futuro; 2^o de uma existência nova em harmonia com o avanço atual desse Espírito. Não falo dos suplícios, por vezes terríveis, a que são condenados certos Espíritos, durante o período da erraticidade; por um lado eles correspondem à enormidade da falta e, por outro, à justiça de Deus. Isto diz bastante para dispensar detalhes que, aliás, encontrarás no estudo das evocações. Voltando às reencarnações, haverás de compreender a sua necessidade por uma comparação vulgar, mas de impressionante verdade.

Após um ano de estudos, o que acontece ao jovem colegial? Se progrediu, passa para a classe superior; se ficou imobilizado em sua ignorância, repete o ano. Vai mais longe; comete faltas graves e é expulso. Pode vagar de colégio em colégio; pode ser afastado da Universidade e pode ir da casa de educação à casa de correção. Tal a imagem fiel da sorte dos Espíritos e nada satisfaz mais completamente à razão. Quer-se cavar mais profundamente a doutrina? Ver-se-á, nessas idéias, o quanto a justiça de Deus parece mais perfeita e mais conforme às grandes verdades que dominam a nossa inteligência.

No conjunto, como nos detalhes, há nisso algo de tão surpreendente que o Espírito que começa a iniciar-se fica como que iluminado. E as censuras murmuradas contra a Providência, e as maldições contra a dor, e o escândalo do vício feliz em face da virtude que sofre, e a morte prematura da criança; e, numa mesma família, de encantadoras qualidades, dando, por assim dizer, a mão a uma perversidade precoce; e as enfermidades que datam do berço; e a infinita diversidade de destinos, tanto nos indivíduos, quanto nos povos, problemas até hoje insolúveis, enigmas que fazem duvidar da bondade, e quase da existência de Deus, tudo isto se explica ao mesmo tempo. Um puro raio de luz se estende no horizonte da filosofia nova e, no seu quadro imenso, agrupam-se harmoniosamente todas as condições da existência humana. As dificuldades se aplainam, os problemas se resolvem, e mistérios até hoje impenetráveis se explicam numa única palavra: *reencarnação*.

Leio em teu pensamento, prezado cristão. Tu dizes: eis, desta vez, uma verdadeira heresia. Meu filho, nada mais que a negação das penas eternas. Nenhum dogma *prático* entra em contradição com esta verdade. O que é a vida humana? O tempo durante o qual o Espírito permanece unido ao corpo. No dia marcado por Deus os filósofos cristãos não terão nenhuma dificuldade para dizer que a vida é múltipla. Isso não acrescenta nem muda nada nos vossos deveres. A moral cristã fica de pé e a lembrança da missão de Jesus paira sempre sobre a Humanidade. A religião nada tem a temer deste ensino, e não está longe o dia em que seus ministros abrirão os olhos à luz; por fim reconhecerão, na revelação nova, os socorros que, do fundo de suas basílicas, imploram do céu. Eles crêem que a sociedade vai perecer: será salva.

O DESPERTAR DO ESPÍRITO

Médium – Sra. Costel

Quando o homem abandona os despojos mortais, experimenta um espanto e um deslumbramento que o deixam por algum tempo indeciso quanto ao seu estado real; não sabe se está morto ou vivo e suas sensações, muito confusas, demoram bastante para aclarar-se. Pouco a pouco, os olhos do Espírito ficam deslumbrados por diversas claridades que o cercam e ele acompanha toda uma ordem de coisas, grandes e desconhecidas, que de início tem dificuldade em compreender, mas em breve reconhece que não passa de um ser impalpável e imaterial; procura seus despojos e se surpreende de não os encontrar; passa-se algum tempo antes que lhe venha a memória do passado e o convença de sua identidade. Olhando a Terra, que acaba de deixar, vê os parentes e amigos que o pranteiam, como vê o corpo inerte. Finalmente seus olhos se destacam da Terra e se elevam para o Céu; se a vontade de Deus não o retém no solo, ele sobe lentamente e se sente flutuar no espaço, o que é uma sensação deliciosa. Então a lembrança da vida que deixa lhe aparece com uma clareza às mais das vezes desoladora, mas outras vezes consoladora. Falo-te aqui do que experimentei, eu que não sou um Espírito mau, mas que não tenho a felicidade de ocupar uma posição elevada. Nós nos despojamos de todos os preconceitos terrenos; a verdade aparece em toda a sua luz; nada atenua as faltas, nada oculta as virtudes; vemos nossa alma tão claramente quanto num espelho; procuramos entre os Espíritos os que foram conhecidos, porque o Espírito se apavora no seu isolamento, mas eles passam sem se deterem; não há relações amistosas entre os Espíritos errantes; aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos superiores, que intercambiam seus pensamentos. Quanto a nós, nosso estado transitório só serve para o nosso adiantamento, tendo em vista que nada nos distrai; as únicas comunicações que nos são permitidas são com os humanos, porque têm um fim de mútua utilidade, que Deus prescreve.

Os Espíritos maus também contribuem para a melhoria humana: servem para as provas; quem lhes resiste, conquista méritos. Os Espíritos que dirigem os homens são recompensados por um grande abrandamento de suas penas. Os Espíritos errantes não sofrem a ausência de comunicações entre si, pois sabem que se encontrarão; têm apenas mais ardor para chegar ao momento em que as provas realizadas lhes darão o objeto de sua afeição, que não pode ser expressa, mas que neles jaz latente. Nenhum dos laços que contraímos na Terra se desfaz; nossas simpatias serão restabelecidas na ordem em que tiverem existido, mais ou menos vivas conforme o grau de calor ou de intimidade que tiverem tido.

Georges

PROGRESSO DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Os Espíritos podem avançar intelectualmente, se o quiserem sinceramente e com firmeza. Como os homens, têm o livre-arbítrio e o estado errante não lhes impede o exercício de suas faculdades; até auxilia, facultando-lhes meios de observação, de que podem aproveitar-se.

Os Espíritos maus não estão fatalmente condenados a permanecer como tais. Podem melhorar-se, mas raramente o querem, uma vez que lhes falta o discernimento e encontram uma espécie de prazer doentio no mal que praticam. Para que voltem ao bem é necessário que sejam violentamente impressionados e punidos, porquanto seus cérebros tenebrosos não se esclarecem senão pelo castigo.

Os Espíritos fracos, que não fazem o mal por prazer, mas que não avançam, são detidos por sua própria fraqueza e por uma espécie de entorpecimento, que paralisa suas faculdades; vão sem saber aonde; passa-se o tempo, sem que o avaliem; pouco se interessam pelo que vêem, disso não tiram proveito ou se revoltam.

É necessário que o Espírito haja chegado a um certo grau de progresso moral para poder progredir na erraticidade; assim, esses pobres Espíritos freqüentemente escolhem muito mal as suas provas; sobretudo procuram ficar o melhor possível na vida corpórea, sem se inquietarem muito com o que serão mais tarde. Esses Espíritos fracos aspiram ardentemente à reencarnação, não para se depurarem, mas para viver ainda. Os seres que fizeram muitas migrações são mais experimentados que os outros; cada uma de suas existências depositou neles uma soma de conhecimentos mais consideráveis; viram e retiveram; são menos ingênuos do que os que se encontram mais próximos do ponto de partida.

Os Espíritos que deixaram a Terra nela reencarnam mais do que alhures, porque a experiência aí adquirida é mais aplicável. Quase não visam outros mundos, senão antes ou após o seu aperfeiçoamento. Em cada planeta as condições de existência são diferentes, porquanto Deus é inesgotável na variedade de suas obras. Entretanto, os seres que os habitam obedecem às mesmas leis de expiação e tendem todos para o mesmo objetivo de completa perfeição.

Georges

A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL³⁷

Médium – Sra. de B...

“Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fizessem eles.” Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem observados nesse mundo todos seríeis felizes: não mais aí ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, porquanto, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e

³⁷ **N. do T.:** Com o mesmo título esta mensagem foi inserida por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 10. (3ª edição definitiva – 1866).

não mais veréis, nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava.

Ricos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vosso invólucro terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, a receber-vos no limiar de um mundo mais ditoso.

Se pudésseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem, na minha última existência, me fora dado servir!... Dai e amai ao vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, porque o sabeis, vós também, agora que Deus permitiu começásseis a vos instruir na ciência espírita, que, repelindo um desgraçado, estareis, quiçá, afastando de vós um irmão, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que desespero não vos sentireis presa, ao reconhecê-lo no mundo espírita!

Desejo compreendais bem o que seja a *caridade moral*, que todos podem praticar, que *nada custa*, materialmente falando, porém, que é a mais difícil de exercer-se.

A caridade moral consiste em se suportarem umas às outras as criaturas e é o que menos fazeis nesse mundo inferior, onde vos achais, por agora, encarnados. Sede, pois, caridosos, porque avançareis mais no bom caminho; sede humanos e suportai-vos uns aos outros. Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõem acima de vós, quando na vida espírita, a *única real*, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da

caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de outrem é caridade moral. Passando junto a um pobre enfermo, olhá-lo com compaixão tem sempre muito mais mérito do que atirar-lhe um óbolo com desprezo.

Contudo, não se deve tomar essa figura ao pé da letra, porque essa caridade não deve impedir a outra. Tende, porém, cuidado principalmente em não tratar com desprezo o vosso semelhante. Lembrai-vos de tudo o que já vos tenho dito: Tende presente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em posição inferior à vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, a meu turno, *tenho agora de implorar auxílio*.

Sede, pois, caridosos; não sejais desdenhosos; sabei deixar passar uma palavra que vos fere e não julgueis que ser caridosos seja apenas prodigalizar o auxílio material, mas também praticar a caridade moral. Eu vo-lo repito: praticai uma e outra.

Lembrai-vos de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o mendigo. Virei ainda para vos dar uma comunicação mais longa, pois agora sou chamada. Adeus: pensai nos que sofrem e orai.

Irmã Rosália

A ELETRICIDADE DO PENSAMENTO

Médium – Sra. Costel

Falarei do estranho fenômeno que se passa nas assembléias, seja qual for o seu caráter. Quero falar da eletricidade do pensamento, que se espalha, como por encanto, nos cérebros menos preparados para recebê-la. Por si só esse fato poderia confirmar o magnetismo aos olhos dos mais incrédulos. Surpreende-me, sobretudo, a coexistência dos fenômenos e a

maneira pela qual se confirmam reciprocamente. Sem dúvida direis: O Espiritismo os explica a todos, pois dá a razão dos fatos, até então relegados ao domínio da superstição. É preciso crer no que ele vos ensina, porque transforma a pedra em diamante, isto é, eleva incessantemente as almas que se aplicam a compreendê-lo e lhes dá, nesta Terra, a paciência para suportar os males, proporcionando-lhes, no Céu, a elevação gloriosa que aproxima do Criador.

Volto ao ponto de partida, do qual me afastei um pouco: a eletricidade que une os Espíritos dos homens numa reunião, e os faz compreender, todos ao mesmo tempo, a mesma idéia. Essa eletricidade será, um dia, empregada tão eficazmente entre os homens quanto já o é agora para as comunicações distantes. Chamo-vos a atenção para esta idéia; um dia eu a desenvolverei, pois é muito fecunda. Conservai a calma em vossos trabalhos e contaí com a benevolência dos Espíritos bons para vos assistirem.

Vou concluir meu pensamento, incompleto na última comunicação. Eu falava da eletricidade do pensamento e dizia que um dia ela seria empregada como o é a sua irmã, a eletricidade física. Com efeito, reunidos, os homens liberam um fluido que lhes transmite, com a rapidez do relâmpago, as menores impressões. Por que jamais se pensou em empregar esse meio, por exemplo, para descobrir um criminoso, ou fazer que as massas compreendam as verdades da religião ou do Espiritismo? Nos grandes processos criminais ou políticos, todos os assistentes dos dramas judiciais puderam constatar a corrente magnética que, pouco a pouco, forçava as pessoas mais interessadas a ocultar o pensamento, a descobri-lo, até mesmo a se acusar, por não mais poderem suportar a pressão elétrica que, mau grado seu, fazia brotar a verdade, não de sua consciência, mas de seu coração. Deixando de lado essas grandes emoções, o mesmo fenômeno se reproduz nas idéias intelectuais, que se comunicam de cérebro a cérebro. O meio, portanto, já foi encontrado; trata-se de aplicá-lo: reunir num

mesmo centro homens convictos, ou homens instruídos, e lhes opor a ignorância ou o vício. Essas experiências devem ser feitas conscientemente, e são mais importantes do que os inúteis debates travados sobre palavras.

Delphine de Girardin

A HIPOCRISIA

Médium – Sr. Didier Filho

Deveria haver na Terra dois campos bem distintos: o dos homens que fazem o bem abertamente e o dos que fazem o mal abertamente. Mas não! O homem não é franco nem mesmo no mal: afeta virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! deusa poderosa, quantos tiranos procriaste? quantos ídolos fizeste adorar? O coração do homem é realmente muito estranho, pois pode bater quando está morto e amar, em aparência, a honra, a virtude, a verdade e a caridade! Diariamente o homem se prostra ante estas virtudes e falta à sua palavra, desprezando o pobre e o Cristo. Todo dia mente, todo dia é um tartufo! Quantos homens parecem honestos porque a aparência muitas vezes engana! Cristo os chamava sepulcros caiados, isto é, cheios de podridão por dentro e limpos por fora, brilhando ao sol. Homem, na verdade tu pareces essa morada da morte; e, enquanto teu coração estiver morto, não serás inspirado por Jesus, essa divina luz que não clareia o exterior, mas ilumina interiormente.

A hipocrisia, entendei bem, é o vício de vossa época; e quereis fazer-vos grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral, vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

Lamennais

Allan Kardec